

17

NÚMERO 2

REVISTA
DIÁLOGO E
INTERAÇÃO

ISSN 1275-3687



FACCREI

<https://revista.faccrei.edu.br>

**REBELDIA, INSUBMISSÃO E SILÊNCIO: SINGULARIDADES DA PERSONAGEM
CLARA DE A CASA DOS ESPÍRITOS, DE ISABEL ALLENDE**

**REBELLION, INSUBMISSION AND SILENCE: SINGULARITIES OF CLARA'S
CHARACTER FROM THE HOUSE OF THE SPIRITS, BY ISABEL ALLENDE**

Danielle Gomes Aziz Pereira*

Altamir Botoso**

RESUMO: A representação do feminino é um tema bastante abordado em estudos críticos, já que a literatura desempenha um papel de fala, no qual a mulher tem seu comportamento ditado, muitas vezes, por histórias bíblicas e quase sempre submisso ao que o gênero masculino determina. A obra *A casa dos espíritos* (1982) foi a primeira publicação de Allende e traz personagens femininas diferentes e complexas, e isso favorece a análise de suas representações. Através de um personagem feminino homodiegético, Alba, a saga da família Trueba é narrada a partir dos diários de Clara, avó de Alba. Discutiremos o papel da personagem Clara, personagem feminina mística, nascida em uma família rica e tradicional e que, mesmo assim, não ficou imune à violência e à dominação masculina. Allende evidencia não só o feminino, mas a sua perspectiva feminista perante os assuntos abordados, opondo-se ao sistema patriarcal e concebendo figuras femininas que lutam e buscam conquistar o seu espaço e a sua liberdade. O objetivo do estudo é ressaltar as configurações do feminino dentro dessa sociedade patriarcal por intermédio da protagonista da obra, selecionada como *corpus* deste estudo. O suporte teórico para a pesquisa será pautado em Navarro (1995), Vega Castro (2018), González (1987), Schwantes (2006), Pereira; Andrade (2021), Borges; Esteves, Scarabelot (2021), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Representação feminina. *A casa dos espíritos*. Literatura chilena. Isabel Allende. Literatura hispano-americana.

ABSTRACT: The representation of the feminine is a topic that is often discussed in critical studies, since literature has a speaking role, since literature has a speaking role, in which the woman has her behavior dictated, many times, by biblical stories and almost always submissive to what the male gender determines. We will discuss the role of the character Clara, from the book *The house of the spirits* (1982) by Isabel Allende. She is a mystical female character, born into a rich and traditional family and who, even so, was not immune to violence and male domination. Allende highlights not

* Graduada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

**Doutor em Letras e docente do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

only the feminine, but her feminist perspective on the issues addressed, opposing the patriarchal system and conceiving female figures who fight and seek to conquer their space and freedom. The objective of the study is to highlight the configurations of the feminine within this patriarchal society through the protagonist of the book, selected as the corpus of this study. The theoretical support for the research will be based on Navarro (1995), Vega Castro (2018), González (1987), Schwantes (2006), Pereira; Andrade (2021), Borges; Esteves, Scarabelot (2021), among others.

KEYWORDS: Female representation. *The House of the Spirits*. Chilean Literature. Isabel Allende. Hispanic-american literature.

Introdução

O que muitos perguntam é o que o estudo da literatura traz de melhorias/benefícios para a sociedade? Será mesmo importante enxergar a literatura como algo além de hobby? Uma discussão ampla com vastos argumentos, talvez muitos estereotipados, dá-se em torno dessas questões, mas é inegável a importância dessa disciplina para abordar e trazer à tona diversos temas importantes para enriquecimento humano, pois é evidente que a arte de escrever mantém estreitos laços com fatos históricos, sociais e políticos, caminhando lado a lado com a História da humanidade.

Uma das obras que aborda questões relevantes da história do Chile, no tocante à ditadura de Augusto Pinochet (1915-2006), é a obra *A Casa dos Espíritos* (1982), da autora naturalizada chilena Isabel Allende. Viera *et al.* (2021, p. 444) asseveram que a literatura seja uma extensão da experiência humana, cuja função pode ser descrita como a de humanizar e revolucionar e que certamente essa máxima não se aplica a toda obra literária, contudo, se aplica a *A Casa dos Espíritos*.

Assim sendo, por meio de uma personagem homodiegética, Alba, a história da família Trueba é contada, ressaltando o caminho de independência e transformação das mulheres desse núcleo, sendo que a narrativa tem como base diários de uma personagem feminina, Clara, avó de Alba. Temos então uma história, cujo enfoque se centra em um olhar e em lembranças de uma personagem feminina, Clara, um ser humano complexo (frágil, forte, místico, mas muito presente no mundo físico, como mãe, mulher, amiga). Trata-se de uma representação do feminino sem ilusões, sem

juízos por parte da autora, simplesmente é o sujeito que vive e sobrevive na sua realidade, reagindo às situações que acontecem e que vão moldando as suas atitudes.

Quando Allende traz essa personagem com o *hobby* de escrever em diários, ela na verdade está mostrando como as mulheres buscavam artifícios para exercer a fala, uma maneira de se expressar, rompendo o silenciamento que sofriam e ainda sofrem numa sociedade patriarcal autoritária. A esse respeito, Michelle Perrot salienta o valor desse tipo de escrita:

A escrita do diário era um exercício recomendado, principalmente pela Igreja, que o considerava um instrumento de direção de consciência e de controle pessoal. O mesmo ocorria com os protestantes. [...] Esses diversos tipos de escritos são infinitamente preciosos porque autorizam a afirmação de um 'eu'. É graças a eles que se ouve o 'eu', a voz das mulheres (2019, p. 29-30 *apud* VIEIRA; LIMA, 2019, p. 456).

A forma diarística, portanto, foi e ainda é um instrumento valioso para que as mulheres pudessem expressar suas emoções, sentimentos, dores e amores e se revela como um recurso valioso para adentrar o universo feminino na obra que escolhemos como *corpus* para este estudo.

Embora a obra *A casa dos espíritos* traga diversas personagens femininas que podem ser analisadas para caracterizar a sua representação, o nosso objetivo é trabalhar com a personagem Clara, a fim de evidenciar as suas configurações dentro de uma sociedade com valores patriarcais.

1. Representação do feminino na escrita feminina

A representação do feminino é amplamente abordada e discutida em muitos trabalhos, pois a literatura aproxima-se de muitos saberes e coloca em pauta valores como os patriarcais dentro da nossa sociedade, na qual a mulher tem seu comportamento ditado muitas vezes por histórias bíblicas e quase sempre submisso ao que o gênero masculino determina.

Estudos e teorias sobre as representações da mulher no âmbito literário despontaram, segundo Zolin (2009, p. 217), com o desenvolvimento do pensamento

feminista na década de 60 e a partir de 70, com a publicação da tese de doutorado de Kate Millet, *Sexual politics*, momento em que crítica literária assumiu um papel questionador da prática acadêmica patriarcal. Antes do movimento feminista, a mulher era colocada numa posição de inferioridade, sem a chance de ao menos questionar o que lhe era imposto. Isso significa que a mulher tinha um papel bem delimitado e limitado na sociedade, e que se refletia em todas as áreas: social, política e inclusive literária. Com isso, a produção literária feminina encontrou barreiras para se colocar em circulação e, segundo Schwantes (2006), esse fato é um “apagamento” que serve como forma de excluir e dominar as mulheres.

Nesse sentido, conforme assinala Lobo (1999, p. 5 apud ZOLIN, 2009, p. 327), é possível notar tal apagamento da mulher no âmbito literário:

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no ‘sério’ mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos.

O conhecimento era negado às mulheres desde sempre, mas é importante evidenciar que nem todas elas aceitaram passivamente a condição de ignorância. Como exemplo, podemos citar Sor Juana Inés de la Cruz (1648-1695), poetisa barroca do México ainda colônia da Espanha, a qual abriu mão de uma vida matrimonial para acessar o mundo dos livros e da escrita, que ficavam trancafiados nos conventos e negados às mulheres ditas “de família”. Outras mulheres que não se converteram a vida religiosa como Sor Juana empregavam pseudônimos para expressarem sua arte literária, assim como a escritora brasileira Maria José Dupré, que usava o pseudônimo de Sra. Leandro Dupré para publicar suas obras.

O apagamento literário feminino resultou em obras com posicionamentos restritos à visão masculina. Segundo Navarro (1995, p. 13), esse cenário se instalou porque a literatura produzida por escritoras era considerada inferior, preocupada com problemas domésticos ou íntimos e, por isso, não merecendo ser posta no mesmo patamar que a literatura produzida por escritores do sexo oposto, cujo envolvimento se volta para questões consideradas mais importantes, como é o caso da política,

história e economia, e, sendo assim, havia sempre editores ansiosos por publicar obras escritas por homens, mas eles não se dispunham a fazer o mesmo com as mulheres romancistas, ensaístas etc.

Na América Latina, na década de 60 e 70, apesar de acontecerem movimentos pelos direitos da mulher, o mesmo não ocorria no campo literário. Se observarmos, por exemplo, o movimento que os críticos denominaram de *boom* da literatura latino-americana, verificamos que o quadro de escritores só continha autores masculinos como Vargas Llosa (1936-), Júlio Cortázar (1914-1984), Carlos Fuentes (1928-2012), Roa Bastos (1917-2005), dentre outros.

Tínhamos uma literatura com visão masculina, inclusive sobre o universo feminino, onde o papel da mulher era determinado e estereotipado, sendo considerada como um mero objeto, sem opinião, sem inteligência e sem capacidade. A partir da década de 80, escritoras como Isabel Allende (1942-), a nicaraguense Gioconda Belli (1948-) e a brasileira Nélide Piñon (1937-2022) escrevem obras de uma nova maneira, que segundo Zolin (2011, p. 97), trazem através de seus textos figuras femininas libertárias e peculiares, na medida em que foram construídas a partir de narrativas do passado, nas quais suas protagonistas oprimidas pelo sistema patriarcal trilhavam caminhos bem diferentes, chamando esse novo modo de escrita como “estratégia da reescrita”.

Bonnici (2000, p. 40 *apud* Zolin, 2011, p. 97) explica que reescrita é uma maneira pela qual “o autor se apropria de um texto da metrópole, geralmente canônico, problematiza a fábula, os personagens ou sua estrutura e cria um novo texto que funciona como resposta pós-colonial à ideologia contida no primeiro texto”, sendo um recurso muito utilizado, quando se pretende questionar sobre valores fixados, refletidos e alimentados na literatura.

Navarro (1995, p. 14) corrobora as afirmações de Zolin, afirmando que os romances das autoras mencionadas acima reavaliam o contexto histórico através da ótica feminina, junto com a conscientização da posição emergente das mulheres, buscando subverter os tradicionais valores das sociedades patriarcais. A mesma pesquisadora ressalta que devido a esse contexto, torna-se de extrema relevância

estudar as obras de escritoras latino-americanas, pois elas rompem a regra de silêncio imposta à mulher e constroem uma mulher-sujeito com voz e ações próprias.

Isabel Allende trata de questões delicadas, como política, desigualdade social, feminismo etc., usando o realismo mágico e um universo rural como estratégia de reescrita. Sua primeira obra, *A Casa dos Espíritos* (1982), foi comparada a *Cem anos de solidão* (1967), de Gabriel García Márquez (1927-2014), pelo emprego técnica referida.

A autora enfatiza o feminismo em suas obras, sendo um elemento recorrente nos seus textos, ou seja, a escritora e suas produções literárias são um objeto de estudo relevante, pois nelas se destacam a visão feminina sobre assuntos tidos como masculinos, e seus escritos não são romances somente com conteúdo amoroso e sentimental, mas são obras que contêm fatos históricos transformadores e que são recriados no plano poético, e desvelam uma escritura em sintonia com o passado da América Latina e que coloca a figura feminina em primeiro plano, tratando do medo, da opressão, das mazelas sofridas pela mulher em uma sociedade dominada pelo sistema patriarcal.

2. Isabel Allende e sua primeira obra: *A Casa dos Espíritos*

Nascida no Peru, em 1942, Isabel Allende mudou-se ainda criança para o Chile e por isso se considera chilena. Formada em Comunicação, trabalhou como redatora e colunista em jornais e televisão. Também escreveu peças teatrais e literatura infantil. Com o golpe militar em 1973, sua família migra para a Venezuela, onde ela começou a escrever. Casou-se em 1962, divorciou-se em 1987 e teve dois filhos, sendo que sua filha primogênita, Paula, faleceu em 1992. Sobrinha do presidente Salvador Allende, teve uma educação que valoriza os direitos sociais e de igualdade das mulheres. Trabalhou ativamente em projetos que objetivavam aproveitar o melhor de cada região (FERNÁNDEZ; TAMARO, 2004, n. p.).

Sua primeira obra, *A Casa dos Espíritos*, foi lançada em 1982, no movimento *pós-boom* e, devido ao seu sucesso, foi adaptada para o cinema, em 1993. A narrativa é inspirada nas recordações de infância e juventude da autora, num Chile que

historicamente passava por um momento conturbado no cenário político. Mudanças aconteciam na sociedade e que para muitos não eram aceitáveis, ocorrendo vários conflitos, os quais se acentuaram na década de 1970, resultando na ditadura de Augusto Pinochet (1915-2006).

O romance *A Casa dos Espíritos* divide-se em quatorze capítulos e epílogo. Na primeira parte, sabemos como acontece o encontro entre as duas famílias que irão se unir, del Valle e Trueba. Os personagens centrais da narrativa são Esteban Trueba e Clara del Valle que se uniram em matrimônio e assim formaram a tradicional e excêntrica família Trueba. Quem narra a saga dessa união é Alba, neta de Esteban e Clara, uma personagem homodiegética que se baseia nos diários da avó, Clara. Em alguns momentos há também relatos de Esteban Trueba.

A família del Valle possuía valores liberais e sociais, apesar de fazer parte da oligarquia do Chile. O chefe da família, Severo del Vall, tem aspirações políticas. Nívea del Valle é a matriarca e é a primeira mulher das quatro gerações femininas descritas na história. Ela é uma mãe zelosa, amorosa e dedicada, mas com ideais próprios, e que enxergava a importância dos direitos das mulheres, auxiliava os menos favorecidos e participava ativamente do movimento sufragista no Chile. Dessa maneira, Clara foi criada num ambiente liberal e intelectual, sendo muito amada, respeitada e mimada. Era uma menina com excentricidades, mas em nenhum momento sua família a oprimiu.

Em contrapartida, a família Trueba fora chefiada por um homem visionário e pouco habilidoso com os negócios, levando os seus a passarem dificuldades financeiras, principalmente quando ele morre e a mãe, Ester Trueba, adocece não conseguindo mais trabalhar. Os filhos, Esteban e Férula, sofrem, cada qual à sua maneira. Férula se torna enfermeira da mãe e cuidadora do irmão, escondendo sua frustração e amargura na religiosidade. Esteban começa a trabalhar desde muito cedo para ajudar com as despesas da casa, privando-se de coisas simples na vida de um jovem. É evidente que devido à sua criação e aos fatos que aconteceram em sua vida, tornou-se um homem cheio de traumas, que o levaram a ser violento e em alguns momentos, até truculento, achando normal até mesmo o estupro de camponesas.

Do matrimônio de Clara e Esteban, nasceram três filhos, Blanca e os gêmeos, Nicolás e Jaime. Todos foram enviados a um internato para estudar, como uma forma de controlá-los. Blanca se apaixona por um simples camponês com princípios socialistas, Pedro Terceiro, e que se opõe ao tratamento dado aos funcionários de Esteban Trueba. A primogênita engravida de Pedro Terceiro e o pai a casa com um conde explorador, Jean de Satigny, pois ele tinha interesse em se tornar senador.

Jaime é um menino muito estudioso, com aptidão para cuidar do próximo, torna-se médico usando seu consultório para ajudar os mais pobres. Nicolás é totalmente alheio ao que acontece ao seu redor, busca algo inspirador para fazer em sua vida, sem muito sucesso, até que com seu comportamento exótico o seu pai o manda para o exterior e ele acaba tornando-se professor de ioga.

O ápice da história vem com a prisão de Alba pelos militares. Nesse momento, o passado é trazido para o presente, as ações de Esteban Trueba atingem não só a sociedade, mas também a sua família. A prisão de sua neta lhe serve para refletir sobre seus valores, suas ações e suas consequências. Por intermédio dessas cenas, a autora coloca os fatos históricos sobre a ditadura no Chile, a violência envolvida, o contexto social dos mais pobres e das mulheres e a aversão dos mais abastados pelas classes minoritárias.

Allende não aborda essas questões só em *A Casa dos Espíritos*, em 1984, em *De amor e de sombra*, a autora coloca mais uma vez o protagonismo numa personagem feminina que escreve e coloca em seus escritos sua visão feminina, através de Irene Beltrán, jornalista e opositora ao regime de Pinochet. Na concepção de Navarro (1995, p. 20), o melhor romance de Isabel Allende, que reescreve uma parte importante da história da América Latina com perspectiva feminina, seguindo a tradição da obra *As 1001 noites de Scherezade*, é *Eva Luna* (1987).

Além dos três livros acima citados, destacam-se também os seguintes: *La gorda de porcelana* (1984), *El plan infinito* (1991), *Cuentos de Eva Luna* (1992), *Paula* (1994), *Afrodita* (1997), *Hija de la fortuna* (1999), *Retrato en sepia* (2000), *La ciudad de las bestias* (2002), *Mi país inventado* (2003), *El Reino del Dragón de Oro* (2003), *Los amantes del Guggenheim* (2004), *El bosque de los pigmeos* (2004), *El oro de Tomas Vargas* (2004), *El zorro* (2005), *Inés del alma mía* (2006), *La suma de los días*

(2007), *La isla bajo el mar* (2009), *El cuaderno de Maya* (2011), *Amor* (2012), *El juego de Ripper* (2014), *El amante japonés* (2015), *La ninfa de porcelana* (2017), *Más allá del invierno* (2017), *Largo pétalo de mar* (2019), *Mujeres del alma mía* (2020), *Violeta* (2022), *El viento conoce mi nombre* (2023).

A opinião dos críticos a respeito de sua vasta produção literária não é unânime, conforme pontua João Govern (2017, n. p.):

[...] as críticas dividem-se. Há quem enalteça o empenhamento e a fluidez da linguagem da autora, há quem insista nas limitações demonstradas, sobretudo no que toca aos enredos e à própria arquitetura das figuras, bem distantes de Clara e Ferula (as cunhadas de *A Casa dos Espíritos*), de Eva Luna (a onnipresente narradora e personagem de *Eva Luna* e *Contos de Eva Luna*, de 1987 e 1990, respetivamente) a *Paula*, que, como se sabe, não é uma criação de Allende, mas antes a filha hospitalizada e em coma a quem a escritora decide contar a história da família. A jovem acaba por morrer e *Paula* (1994) foi, com alguma naturalidade, pela situação-limite em que decorre, o livro de Isabel que mais reações suscitou aos leitores – [...].

Divergências à parte, podemos afirmar que Allende é uma grande escritora, que soube perscrutar a alma feminina, seus dilemas, dores e amores e goza de um sucesso retumbante junto ao público, tanto europeu quanto latino-americano, com mais de 67 milhões de exemplares vendidos e traduzidos para cerca de 35 idiomas (GOVERN, 2017, n. p.).

3. O percurso de Clara entre a opressão, a vidência e a busca pela liberdade

Isabel Allende, em suas obras, traz personagens femininas ímpares, com defeitos e qualidades, que refiguram o feminino e reafirmam as suas lutas, os seus dissabores, as suas conquistas dentro de uma estrutura bastante rígida, na qual o homem ainda é o centro em torno do qual elas gravitam. Para abordar a representação do feminino na obra *A Casa dos Espíritos*, há várias figuras femininas interessantes, mas optamos pela personagem Clara, e o ambiente e as situações que envolvem a esposa de Esteban Trueba.

Clara é a filha caçula da família del Valle, que nascera com “poderes mentais”, e essa característica da personagem, em certa medida, alude ao realismo mágico que a autora trabalha no livro, como descrito no trecho a seguir:

Os poderes mentais de Clara não perturbavam ninguém e não provocavam maiores transtornos; manifestavam-se quase sempre em assuntos de pouca importância e na estrita intimidade do lar. Algumas vezes, à hora da refeição, quando estavam todos reunidos na grande sala de jantar da casa, sentados em absoluta ordem de autoridade e poder, o saleiro começava a vibrar e logo se deslocava sobre a mesa, contornando copos e pratos, sem mediação de qualquer fonte de energia conhecida nem truque de ilusionismo. (ALLENDE, 2014, p. 15)

Além de trabalhar o realismo mágico na personagem Clara, os poderes sobrenaturais dela também a tornam uma negação à figura feminina determinada pelo patriarcalismo, ou seja, ela é uma mulher que tem vontade própria, e acaba não se adequando aos valores impostos, principalmente pela igreja. A personagem transita entre as duas divisões do feminino, não sendo só uma ou outra definição: a mulher angelical, que se encaixa à roupagem de submissão ao mundo patriarcal ou a mulher diabólica, que rompe com os padrões esperados para ser “respeitável” dentro da sociedade.

González (1987, p. 7) ressalta que a representação do feminino nos romances hispano-americano tem essas duas manifestações, a angelical e a diabólica, sendo que a primeira diz respeito a uma mulher virgem, doce e inocente, cuja pureza se eleva ao mais alto nível possível e a segunda se caracteriza por ser cruel e astuta, com poderes sobrenaturais, considerada uma feiticeira; uma mulher bela, porém perigosa, pronta a devorar os homens.

É evidente que a família a protege, mantendo as aparências, e um exemplo disso ocorre quando Clara inquiriu o padre Restrepo “se essa história de inferno for pura mentira” (ALLENDE, 2014, p. 14), os pais a levaram para casa para não enfrentar a fúria do religioso. Mantinham-na inacessível o máximo que conseguiam, para evitar conflitos que pudessem magoá-la ou que a tornassem mal-vista pela sociedade da qual eles faziam parte.

No início da obra, a autora esclarece que a história terá a visão feminina, pois se baseará nos diários de uma mulher e é contado por outra mulher, Alba, neta de Clara, uma personagem homodiegética, o que, de acordo com Schwantes (2006, p. 8), põe em evidência as alterações das convenções literárias na representação da mulher e salienta o trabalho feminino de preservar as memórias da família por meio da escrita:

Barrabás chegou à família por via marítima, anotou a menina Clara com sua delicada caligrafia. Já nessa época tinha o hábito de escrever as coisas importantes e mais tarde, quando ficou muda, escrevia também as trivialidades, sem suspeitar que, 50 anos depois, seus cadernos me serviriam para resgatar a memória do passado e sobreviver a meu próprio terror. (ALLENDE, 2014, p. 9)

A forma que Clara usa para que não se apaguem as suas vivências é escrever tudo que lhe acontece em seus diários, inclusive fatos considerados banais. Seria sua contribuição na história, e esse fato é de extrema relevância, pois, segundo Lerner (2019, p. 29), “as mulheres foram impedidas de contribuir com o fazer História, ou seja, a ordenação e a interpretação do passado da humanidade.” É nesse quesito que a escrita feminina, com uso de personagens femininos, imprime na sociedade a visão feminina e sua participação real nos fatos históricos e sociais.

Os pais de Clara foram essenciais para sua educação, mas a maior influência na formação dos seus valores fora sua mãe. Nívea cumprira com o papel que a sociedade esperava: uma esposa que deu filhos ao marido, no entanto, não se sentia confortável com o simples papel de progenitora. Mostrou-se como exemplo de uma mulher engajada politicamente, com ressalvas para as restrições da época, mas que lutava por direitos iguais para as mulheres e pelos menos favorecidos. Isso era pouco convencional para a época. A formação feminina voltava-se para o preparo da mulher para a vida matrimonial, sem nenhuma expectativa além da maternidade e da servidão ao marido.

O convívio com a mãe, que reivindicava os mesmos direitos dos homens para as mulheres pode ser verificado no trecho transcrito abaixo, em que Clara presencia

o discurso de sua progenitora em favor das mulheres, tentando conscientizá-las, em uma atitude claramente feminista:

Às vezes Clara acompanhava sua mãe e duas ou três de suas amigas sufragistas em visitas a fábricas, onde subiam em caixotes para arengar às operárias, enquanto, a distância prudente, os capatazes e patrões observavam, zombeteiros e agressivos. Apesar de sua pouca idade e completa ignorância das coisas do mundo, Clara percebia o absurdo da situação e descrevia em seus cadernos o contraste entre sua mãe e suas amigas, com casacos de pele e botas de camurça, falando de opressão, igualdade e direitos a um grupo triste e resignado de trabalhadoras, com toscos aventais de algodão cru e as mãos vermelhas de friteira. (ALLENDE, 2014, p. 91-92)

Merece destaque o fato de Clara ainda ser uma criança e já estar imersa em um universo de contestação dos valores patriarcais empreendido por sua mãe e suas amigas, na tentativa de fazer com que as operárias das fábricas se dessem conta da exploração, dos abusos a que eram submetidas pelos capatazes e patrões.

Gerner Lerner (2019, p. 74) ressalta que a educação era separada pelo gênero e preparava-se os filhos “para assumir papéis de gêneros adultos, que, em grande parte situam mulheres dentro da esfera de reprodução em uma sociedade desigual em termos de sexo.” Além disso, a autora menciona que a teoria freudiana reforçou ainda mais essa argumentação tradicionalista, segundo a qual o humano “normal” era macho, e a fêmea era um ser humano desviante sem pênis; para o estudioso “anatomia é destino”, dando força para a supremacia masculina (LERNER, 2019, p. 45), como se homem e mulher se situassem em padrões, que não se modificariam.

É interessante ressaltar que Clara não é uma mulher linear, com o mesmo comportamento do início ao fim de sua história. Ela, como todo ser humano, principalmente as mulheres, responde conforme o ambiente, as pessoas e as situações. Foi uma criança precoce e muito criativa, que “tinha a transbordante imaginação que todas as mulheres da família herdaram por via materna” (ALLENDE, 2014, p. 11).

Na adolescência, todos a mantiveram sobre cuidados excessivos, ocupando seu tempo com atividades como brincar com Barrabás, seu cão, e praticando seus

poderes sobrenaturais. (ALLENDE, 2014, p. 89). Assim, Clara cresceu e viveu até seus dezenove anos, quando enfim voltou a falar:

Clara viveu esse período ocupada em suas fantasias, acompanhada pelos espíritos do ar, da água e da terra, tão feliz, que não sentiu necessidade de falar durante nove anos. Todos tinham perdido a esperança de tornar a ouvir-lhe a voz, quando, no dia de seu aniversário, depois de soprar as 19 velas de seu bolo de chocolate, estreou uma voz que estivera guardada por todo aquele tempo e que tinha a ressonância de um instrumento desafinado. (ALLENDE, 2014, p. 93)

Um outro fato importante relacionado a Clara é a questão do matrimônio. Na sociedade da época, a mulher que não se casava era estigmatizada e olhada com desdém. Apesar de haver sido criada com certa liberdade e ser até certo ponto transgressora em suas convicções e atitudes, ela não pôde fugir a esse destino. Para Esteban Trueba, a pretendente atendia aos seus anseios; sua aparência física agradava-lhe e pertencia a uma família respeitável e com posses, acreditava que poderia contornar as suas excentricidades e assim ter descendentes legítimos:

Com absoluta honestidade, contaram-lhe as excentricidades de sua filha mais nova, sem omitir o fato de que tinha permanecido sem falar durante metade de sua existência, porque não desejava fazê-lo, e não porque não pudesse, como bem esclarecera o romeno Rostipov e confirmara o doutor Cuevas em inúmeros exames. Mas Esteban Trueba não era homem que se deixasse amedrontar por histórias de fantasmas que andam pelos corredores, por objetos que se movem a distância pelo poder da mente ou por presságios de má sorte e, muito menos, pelo prologado silêncio, que considerava uma virtude. Concluiu que nenhuma dessas coisas eram inconvenientes para trazer filhos sãos e legítimos ao mundo e pediu para conhecer Clara. (ALLENDE, 2014, p. 99)

Esteban Trueba é a representação do homem padrão masculino tradicional. Um ser que enxerga os papéis do gênero bem definidos e imutáveis. A sua aspiração por uma esposa tinha o intuito de satisfazer ao pedido de sua mãe em perpetuar o nome da família. A falta de um sentimento não tinha relevância, desde que sua mulher lhe desse herdeiros, preferencialmente do sexo masculino. Para os tradicionalistas, o fenômeno da “assimetria sexual” é universal e natural, que Deus criou as mulheres diferente biologicamente com uma determinação específica das tarefas sociais

(LERNER, 2019, p. 43) e restrita a um espaço interno, o da casa e as obrigações e deveres que isso acarretava.

Desde os preparativos para o casamento com Esteban Trueba, Clara mantinha o comportamento alheio a tudo, presa em seu mundo místico, sendo sua mãe, Nívea, que cuidara de todo seu enxoval (ALLENDE, 2014, p. 103). Essa indiferença de Clara pelo mundo material incomodava seu marido, que se sentia alheio aos interesses da esposa, assim, ferindo o seu ego masculino dominador, que não conseguia controlá-la, subjulgá-la, mesmo nos momentos de intimidade sexual:

Dava-se conta de que Clara não lhe pertencia e que, se ela continuava habitando um mundo de aparições, de mesas de três pés que se mexem sozinhas e baralhos em que se vê o futuro, o mais provável era que nunca chegasse a lhe pertencer. [...] Desejava muito mais do que seu corpo; queria apoderar-se daquela matéria imprecisa e luminosa que havia em seu interior e lhe escapava ainda nos momentos em que ela parecia morrer de prazer. (ALLENDE, 2014, p. 107)

Bourdieu (2012, p. 31) aborda a questão da relação sexual como uma relação social de dominação, a qual é construída no princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino passivo, resultando numa organização onde o desejo masculino é igualado ao desejo de posse, configurando uma “dominação erotizada”. Então a entrega não total de Clara, mantendo-se como um ser individual, frustra esse sentimento em Esteban. Por mais que ela aproveitasse os momentos íntimos com o marido, não se colocava como uma subordinada a ele, ainda mantinha o seu universo paralelo, a sua alteridade.

O misticismo na personagem parece perder esvanecer-se um pouco, quando ela chega à fazenda Três Marias e encontra algo que a completa como ser humano, um lugar em que se sente útil, com uma missão, o trabalho social para com os camponeses que trabalhavam para seu marido. Embora fosse uma menina criada sob cuidados extremos e comodidade, não lhe incomodava a simplicidade do lugar, sem luxo e conforto. Além disso, Clara “detectou o receio, o medo e o rancor dos trabalhadores, e o imperceptível rumor que se calava quando virava o rosto, que lhe permitiram adivinhar alguma coisa sobre o caráter e o passado de seu marido” (ALLENDE, 2014, p. 116).

O estudo realizado por Bourdieu (2012, p. 42-43) demonstra que os dominados desenvolvem uma “lucidez especial”, que nas mulheres chamamos de “intuição feminina”, estimulada pela submissão objetiva e subjetiva. Tudo isso aumenta a sensibilidade para prever os desejos ou pressentir os desacordos.

Nesse sentido, percebemos que a influência de Nívea sobre Clara foi eficiente quanto à percepção da importância de seu papel no contexto social, mesmo sendo uma pessoa de família abastada. Clara, por mais que fosse uma mulher frágil, não nega a si a sua incumbência, assim como sua mãe, que se desdobrava para que as operárias se dessem conta da sua subalternidade e submissão ao patriarcado. Ela age e procura fazer a diferença para aqueles que necessitam dela:

Clara, que por sua vez, também mudou. Abandonou da noite para o dia sua inércia, deixou de considerar tudo muito bonito e pareceu curada do vício de falar com os seres invisíveis e movimentar os móveis com recursos sobrenaturais. [...] Clara dividia seu tempo entre a oficina de costura, a venda e a escola, onde montou seu quartel-general para aplicar remédios contra a sarna, a parafina contra os piolhos, desentranhar os mistérios da cartilha, ensinar as crianças a cantar tenho uma vaca leiteira, não é uma vaca qualquer, e ensinar as mulheres a ferver o leite, curar a diarreia e alvejar a roupa. [...] aproveitava a reunião para repetir as instruções que ouvira de sua mãe quando se agarrava às grades do Congresso diante dela. (ALLENDE, 2014, p. 116)

É óbvio que esse comportamento destoava do que Esteban e a sociedade esperavam de uma mulher “bem-criada”, principalmente a sua mulher. Mais uma vez, Clara foge dos padrões, ou seja, encontra um caminho para resistir às convenções, recaindo sobre outra mulher a culpa, sua mãe, Nívea. A resistência acaba sendo uma maneira para sobreviver a esse mundo machista que busca silenciar as mulheres:

Esteban gritava, enlouquecido, andando pela sala em largas passadas, esmurrando os móveis e argumentando que, se Clara pensava em seguir os passos de sua mãe, podia esperar encontrar um macho firme, que lhe arriaria as calcinhas e lhe daria umas boas chicotadas para encerrar de vez a maldita reunião de arengar às pessoas, e proibindo terminantemente as reuniões de oração ou qualquer outra coisa afirmando que ele não era nenhum babaca que sua mulher pudesse ridicularizar. (ALLENDE, 2014, p. 117)

Conforme o trecho citado acima, a reação de Esteban, a raiva e a impaciência ao ser contrariado expressam uma das marcas do patriarcalismo, que naturaliza a

violência, seja ela física, psicológica, financeira etc. A violência física reduz o outro através do uso excessivo de força física e/ou armada, essa Esteban usava com seus empregados e as mulheres camponesas. Bourdieu (2012, p. 49), em *A dominação masculina*, aborda a violência simbólica, a qual priva e reprime através da linguagem. O referido estudioso demonstra que a violência simbólica é tão perniciosa quanto a violência física e que ela não atua na “lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação”, transformando-se em comportamentos sociais que propulsionam a dominação masculina e a submissão feminina.

A agressividade de Esteban Trueba, que não alcançava Clara e sua filha Blanca, pois ele ainda usava somente a violência simbólica, vai atingi-las também. Quando toma conhecimento do envolvimento de sua primogênita com Pedro García Terceiro, filho do capataz da fazenda Três Marias, sua ira explode em forma de violência física contra as duas, mãe e filha. Esteban agride a filha com chicote, sacode-a e a insulta, deixando-a coberta de barro e sangue. Clara o interpela, “O que você fez, Esteban, pelo amor de Deus?!?” (ALLENDE, 2014, p. 212), vendo sua filha naquela situação. Ao defender sua filha, Clara sofre a violência física de seu cônjuge:

Perdeu o domínio e deu um murro no rosto de sua mulher, jogando-a contra a parede. Clara desabou sem um grito. [...] Por fim, Clara abriu os olhos. Escorria sangue de seu nariz. Quando entreabriu a boca, cuspiu vários dentes, [...]. Clara afastou Esteban com um empurrão, ergueu-se com dificuldade e saiu do escritório [...]. (ALLENDE, 2014, p. 213)

Depois da agressão sofrida, Clara deixa a fazenda As Três Marias e retorna para a cidade. Como defesa e talvez até protesto, ela escolhe o silenciamento, e assim, “nunca mais voltou a falar com seu marido” (ALLENDE, 2014, p. 214).

Mesmo sendo uma mulher de classe elitizada, Clara é uma mulher que foi silenciada em vários aspectos por condutas que lhe foram impostas ou reprimidas. O silenciamento de fato é sim só um sintoma da ferida em sua alma de toda a dominação e submissão que a personagem sofrera; mas é também a maneira que Clara encontrou de se proteger contra a violência imputada a ela pela sociedade, pela família e pelo marido. A escrita, nesse sentido, converte-se em uma forma de não ser

apagada, de não ser banida, mesmo que silenciada. Ela usa a caneta e o papel para se manter na história dessa família, e não se tornar inerte e nem conivente com os desmandos, a violência e a opressão exercida pelo sistema patriarcal, simbolizados na figura do marido agressor, que tinha o direito de vida e de morte sobre esposa, filhos e tudo que se encontrava sob sua “posse”.

Considerações finais

A obra de Allende, que compõe o *corpus* desse estudo, é uma narrativa com perspectiva matriarcal, evidenciando assim a importância do papel de Clara na representação do feminino, pois ela foge das padronizações do imaginário do homem e transparece a relevância do papel da mulher na sociedade e sua desvalorização ao mesmo tempo, como uma espécie de denúncia do mal que o sistema patriarcal legou às mulheres, vitimando-as, subjugando-as e objetificando-as para melhor controlá-las.

No artigo “Ángel vs. Diablo: la mujer en la novela hispano-americana”, Patricia González (1987, p. 7, tradução nossa) assinala uma dicotomia que tem se mantido na literatura da América Latina:

A caracterização da mulher no romance hispano-americano teve duas tendências que persistiram há muito tempo. Esta caracterização mudou de acordo com o movimento literário, o tema e a ênfase, mas duas tendências antagônicas sobreviveram. De um lado, aparece a mulher ideal, angelical, inocente, etérea e inalcançável e de outro, a mulher diabólica, com poderes sobrenaturais, feiticeira e voluntariosa e dominante. Dois romances ilustram estas caracterizações: *María*, 1867, de Jorge Isaacs e *Doña Bárbara*, 1927, de Rómulo Gallegos.

Cabe apontar que essas duas figurações do feminino foram segregadas a espaços muito específicos: a mulher angelical, a mãe, que representa, sempre, um polo positivo, permanece confinada no lar, um local fechado e, muitas vezes, provocador de angústias e sofrimentos; e aquela que se instala em locais externos, como a rua, onde tem liberdade, é considerada como rebelde e, na maiorias das vezes, recebe a alcunha de prostituta, que termina como objeto de usufruto masculino e, quando envelhece, é descartada e abandonada.

Portanto, verifica-se que as figurações do feminino se revestem de estereótipos que se pautam em dois polos antagônicos: 1. positivo: se são frágeis, indefesas, incapazes, e dependentes da figura masculina; ou 2. negativo: se são sedutoras, perigosas, imorais, independentes e/ou rebeldes, confirmando a classificação vista anteriormente de mulheres-angelicais e demoníacas.

Na representação da personagem Clara do romance *A casa dos espíritos*, não conseguimos colocá-la em um polo somente – o da mulher-anjo ou diabólica, pois suas condutas são ditadas conforme a situação e ambiente. Ela é uma mulher de alma livre, com suas próprias características. Allende não traz uma figura feminina utópica, mas uma mulher real, que apesar de sofrer com o sistema patriarcal no qual está inserida, mantém-se resistente com seus sonhos, suas vontades, suas qualidades e seus defeitos.

Ressaltamos também que a figura materna fora importante para a existência da alma transgressora de Clara, assim como ela também foi importante para sua neta, Alba, para que pudesse resistir à violência física e psicológica que sofreu quando foi presa pelos militares.

Apesar das mudanças ocorridas no mundo contemporâneo, a mulher ainda continua a ser vista de maneira preconceituosa, a receber salários menores que aqueles destinados aos homens e que também permanece, em muitos casos, como vítima dos postulados patriarcais. Portanto, é relevante pesquisar a representação de figuras femininas na literatura (nacional ou estrangeira), uma vez que tais estudos podem se tornar contribuições relevantes para se pensar e se problematizar o espaço destinado às mulheres e permitir que suas vozes possam ser ouvidas e que elas não se tornem superiores ao sexo oposto, mas que sejam equiparadas em direitos e obrigações a estes, e que não sejam confinadas somente ao espaço interno do lar, mas que adentrem e ocupem os recintos que elas desejarem e quiserem.

Nessa perspectiva, Clara avulta como uma representação feminina que se recusa a aceitar o confinamento e o espaço restrito do lar, lançando-se para um *lócus* externo, que permite entrever uma figura que luta e que se opõe taxativamente contra as atitudes limitantes e redutoras impostas pelo sistema patriarcal, no qual seu marido pode ser considerado como um ser modelar de um ser que exige obediência,

fidelidade e não aceita ser contrariado em nenhuma hipótese e faz valer a sua vontade pela truculência, pelo medo, por ações extremamente violentas.

Referências

ALLENDE, Isabel. **A casa dos espíritos**. Tradução de Carlos Martins Pereira. 44. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil LDTA, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil LDTA, 2012.

FERNÁNDEZ, Tomás; TAMARO, Elena. Biografia de Isabel Allende. *In: Biografías y Vidas*. La enciclopedia biográfica en línea [Internet]. Barcelona, España, 2004. Disponível em: https://www.biografiasyvidas.com/biografia/a/allende_isabel.htm. Acesso em: 27 jan. 2023.

GOVERN, João. Isabel Allende, 75 anos, a saudação feliz ao inverno. **Diário de Notícias**. 02 agosto 2017. Disponível em: <https://www.dn.pt/artes/isabel-allende-75-anos-a-saudacao-feliz-ao-inverno-8678534.html>. Acesso em: 10 fev. 2023.

GONZÁLEZ, Patricia Elena. Ángel vs. diablo: la mujer en la novela hispanoamericana. **Revista Chichamaya** (5), 1987, p. 7-13. Disponível em: <https://repositorio.unal.edu.co/bitstream/handle/unal/54078/angelvsdiablo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 mar. 2022.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história de opressão das mulheres pelos homens. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

NAVARRO, Márcia Hoppe. Por uma voz autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea. *In: NAVARRO, Márcia Hoppe. Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995, p. 11-55.

SCHWANTES, Cíntia. Dilemas da representação feminina. **Revista da NIESC**, v. 6, p. 7 – 19, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/18333/1125614344>> Acesso em: 07 fev. 2022.

VIEIRA, Danielly Cristina Pereira; LIMA, Rafael Macário de. Da proibição à revolução na produção literária escrita por mulheres: o caso de Clara e Alba em *A casa dos espíritos*, De Isabel Allende. **Caderno Seminal**, n. 40, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/58241>> Acesso em: 18 fev. 2022.



<https://www.faccrei.edu.br/revista>

ZOLIN, Lúcia Osana. A construção da personagem feminina na literatura brasileira contemporânea (re)escrita por mulheres. **Revista Diadorim** / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. v. 9, p. 95 – 105, 2011. Disponível em: <<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>> Acesso em: 27 jan. 2023.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. *In*: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009, p. 217-242.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2009, p. 327-336.

Recebido em: 10/04/2023.

Aprovado em: 1º/06/2023.